

C O N E X Ã O ENTRE MUNDOS

TEXTO ADÉLIA BORGES



14 anos e muitas tentativas depois, o cacique Biraci Brasil Nixiwaka, do povo Yawanawá, e o arquiteto Marcelo Rosenbaum conseguiram erguer no meio da Floresta Amazônica um complexo com três edifícios numa construção que envolveu indígenas, ribeirinhos e gente graduada de São Paulo trocando saberes e experiências



Vista aérea do complexo em
formato de Y construído no
meio da Floresta Amazônica.
Na pág. ao lado, o cacique
Biraci Brasil Nixiwaka, do povo
Yawanawá, e o arquiteto
Marcelo Rosenbaum



Longe da instantaneidade que marca as diligências entre nós urbanoides (e que tantas vezes leva a coisas fugazes e sem consistência), foram 14 anos de contato e amizade entre um líder indígena e um arquiteto/designer até que o resultado pudesse vir à tona – forte, sólido e conjugando de forma sintética o jogo entre tradição e inovação. E esse desfecho está lá, perene, às margens do Rio Gregório, no município de Tarauacá, no Acre, e também pode ser visto até 23 de novembro na Bienal de Arquitetura de Veneza, na Itália.

Estamos falando da parceria entre o cacique Biraci Brasil Nixiwaka e o escritório Rosenbaum Arquitetura, liderado por Marcelo Rosenbaum, consubstanciada em três edifícios na Aldeia de Nova Esperança. O primeiro a ficar pronto foi a casa de uma das filhas de Bira, como o cacique é chamado informalmente. Concebida como “casa-modelo”, ela tem uma organização integrada com sala e cozinha, quatro quartos e dois banheiros. Um pátio localizado no centro oferece ventilação cruzada – essencial no clima quente e úmido da Floresta Amazônica, garantindo conforto térmico. Ela ficou pronta em apenas 45 dias.

“EM VÁRIAS OCASIÕES, PRECISÁVAMOS ANDAR A PÉ NO RIO CARREGANDO O BARCO NAS COSTAS”, CONTA MARCELO

A construção seguinte foi pensada para sediar a 5ª Conferência Indígena da Ayahuasca, que ocorreu em janeiro deste ano. Ela abriga espaço para 150 redes (onde tradicionalmente os amazônidas dormem, não em camas), cozinha industrial, refeitório para 250 pessoas e 12 salas de aula. Os três blocos que a compõem se conectam em formato de “Y” – de Yawanawá, uma sugestão do cacique, simbolizando a união entre diferentes caminhos do conhecimento e também a inicial do nome do seu povo. Com 1.265 m² e um beiral generoso de quatro metros, ela foi batizada de Universidade dos Saberes Ancestrais, e logo apelidada de Ípsilon. A terceira foi o Centro Cerimonial, espaço dedicado a rituais e práticas espirituais, com cobertura circular de 41 metros de diâmetro, 33 metros de vão livre, pé-direito de sete metros e área de 1.150 m². O projeto e a execução envolveram uma equipe multidisciplinar. Partiu-se da premissa de uso de madeira nativa extraída e beneficiada localmente. Para o cálculo da estrutura, foi chamada a Ita Engenharia em Madeira, empresa

liderada pelo arquiteto Hélio Olga, de São Paulo – seguramente o escritório que tem a mais consolidada expertise em construções de madeira no Brasil.

A obra adquiriu contornos épicos. Quase cem trabalhadores se ocuparam dela, não só indígenas de lá e de outras aldeias como também ribeirinhos de áreas próximas. Eles precisaram ser hospedados e alimentados em Nova Esperança por longos períodos. Foi necessário superar desafios logísticos extremos, como o transporte de um trator desmontado rio acima – o “detalhe” é que o Rio Gregório anda passando por períodos de seca. “Em várias ocasiões, precisávamos andar a pé no rio carregando o barco nas costas”, conta Marcelo. Um efeito evidente – mais um! – das mudanças climáticas.

O projeto chamou a atenção de Carlos Ratti, curador da Bienal de Veneza este ano, cujo tema é *Intelligens. Natural. Artificial. Collective*. Nas palavras de Ratti, “durante décadas, desde que começamos a contabilizar o carbono, a resposta da arquitetura à crise climática tem se centrado na mitigação – na redução do nosso impacto no clima. Essa abordagem não é mais suficiente. A arquitetura precisa se distanciar da mitigação, reconectar-se com sua longa história de adaptação e repensar como projetamos para um mundo alterado.”

Se o resultado foi considerado tão consistente a ponto de suscitar a inclusão no principal evento de arquitetura mundial, creio que o fator tempo foi essencial para isso. O primeiro projeto desenvolvido por Marcelo com os indígenas Yawanawá ocorreu em 2013. De lá para cá, Marcelo prosseguiu em contato com eles e passou a trabalhar também com outras etnias. Acompanho de perto sua trajetória e estive com ele há dois anos numa aldeia Kayapó, no Pará, constatando um exercício profissional e uma relação pessoal baseada na escuta sensível e no respeito à cultura originária. Me veio à mente a figura do “ator-escada” nos teatros, aquele que assume um lugar coadjuvante que serve sobretudo para que o principal possa brilhar.

Tive o privilégio de ouvir Bira e Marcelo – cliente e fornecedor – numa conversa numa das salas de aula da FAU USP no dia 5 de maio último, mediada pelo vice-diretor, Guilherme Wisnik. Fiquei emocionada com a cumplicidade entre os dois. “Marcelo mudou minha vida. É meu filho, meu irmão”, disse Bira. Da parte de Marcelo a admiração não é menor.

O oposto de indígena é alienígena. Nós, alienígenas, vimos historicamente o conhecimento indígena como algo superado, atrasado e primitivo, e só agora está caindo a ficha de que são eles que sempre estiveram e continuam estando à frente no pensamento e na formulação de um mundo mais harmonioso. Aprendermos com eles não é memória do passado, mas caminho para o futuro.